

Os museus da Terra, do Mar e do Cosmos são uma idéia antiga. Coloquei muito empenho no projeto, chegaram a cavar as fundações mas depois esqueceram a obra totalmente...

Na varanha de seu escritório, uma cobertura na Avenida Atlântica, em frente ao posto seis, Oscar Niemeyer falava de um dos maiores e mais conhecidos buracos de Brasília. Ele fica em frente ao Ministério das Minas e Energia, a uns 200 metros do Teatro Nacional. Como buraco consegue ter aquela aura majestosa de mistério que todo bom e profundo buraco consegue ter, principalmente quando está cercado por um dos mais importantes conjuntos arquitetônicos de todo o mundo. Mas ele poderia ter outras funções além de ser uma causa potencial de acidentes a transeuntes distraídos.

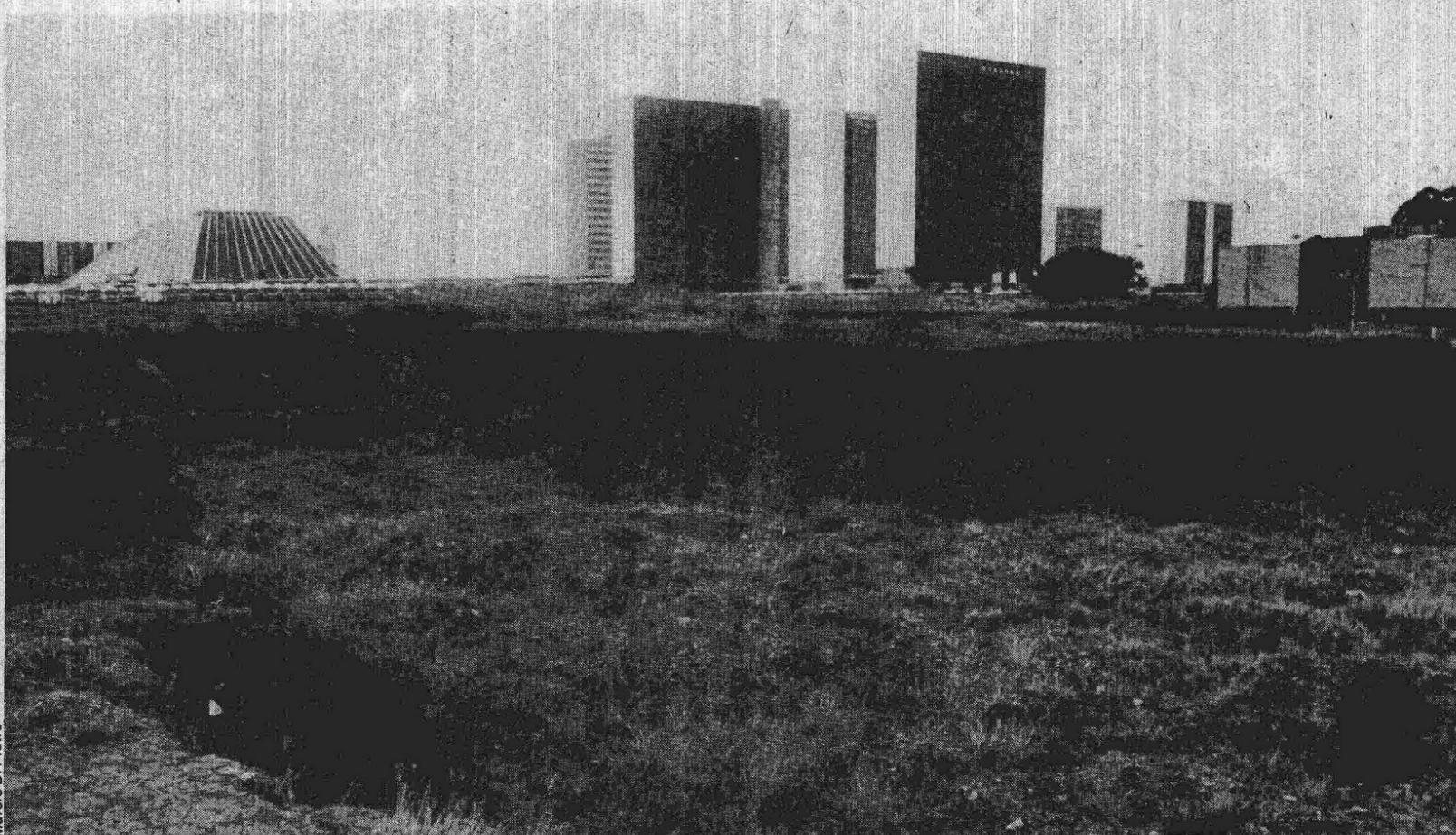
O projeto ficou pronto e detalhado. No Museu da Terra poderíamos ver as riquezas de nosso solo e as maneiras de aproveitá-las economicamente, incluindo os programas futuros de desenvolvimento agrícola. O do Mar permitiria que estudássemos a fauna marítima e os outros recursos a serem explorados no oceano, em suma tudo o que pudesse ser usado. O do Cosmos era uma idéia quase filosófica. Visava mostrar o que já foi feito e poderá ser realizado para desvendar os mistérios do Universo.

"Eles permitiriam" - continuou - "aos estudantes e pessoas interessadas um conhecimento mais justo das possibilidades do País. O prédio seria uma estrutura que engrandeceria e contribuiria para a arquitetura de Brasília. De dois apoios centrais sairia uma estrutura em forma de uma pirâmide invertida. O Museu da Terra teria cinco andares, o do Mar três e o do Cosmos dois. Haveriam áreas de apoio com bibliotecas e auditórios. Chegaram a cavar as fundações mas depois esqueceram a obra totalmente. Assim, em Brasília, falta um dos mais importantes elementos culturais: tornou-se uma capital sem museus. Além destes três projetos há ainda o Monumento a Tiradentes e o Museu do Índio, que terminei recentemente o projeto."

"O Monumento a Tiradentes ficaria na Praça dos Três Poderes. Quem fosse curioso pelas coisas do Brasil teria, no centro de decisões do País, entre o Palácio da Alvorada, o Supremo Tribunal Federal e o Congresso, um prédio abrigando a memória da figura mais importante de nossa história. De um balcão, o visitante veria um painel sobre Tiradentes. Na parte baixa, estariam expostos dados sobre as nossas lutas de libertação. A pintura que seria, inicialmente, abrigada era o painel realizado por Portinari, comprado pelo governo paulista e colocado no palácio de despachos. Pedimos, então, ao artista pernambucano João Câmara que trabalhasse em outro painel. Ele chegou a fazer os traços iniciais, mas com a saída do governador Lamaison tudo ficou em suspenso."

"Durante a última vez que estive em Brasília para supervisionar a reforma do Palácio do Planalto, um dos responsáveis deu-me uma certa esperança. Ele quer refazer a Praça dos Três Poderes seguindo o máximo possível o traço inicial. Pode ser então que o Monumento a Tiradentes seja construído."

Oscar Niemeyer fala sempre em voz baixa. As vezes deixa escapar



Márcio Di Pietro

Vejam este majestoso buraco

Nele, segundo Oscar Niemeyer, poderíamos ver as riquezas da terra, estudar a fauna marítima e o que já foi feito e poderá ser realizado para desvendar os mistérios do Universo

Pedro Paulo da Editoria Nacional

um ou outro palavrão. Marca cada frase com uma pausa longa para refletir um pouco sobre o que irá responder. Do alto da cobertura, localizada em um velho edifício no Posto Seis, domina-se toda a avenida Atlântica. Em uma destas pausas, ele percebe meu interesse pela paisagem e me pergunta de onde sou. Digo que do Rio mesmo. Ele indaga se estou há muito tempo em Brasília. Afirmo que há quase dez anos. O comentário vem seco e doce:

— Esta cidade tem uma espécie de visgo que nos prende mesmo quando nos afastamos dela por muitos anos.

Pergunto, mudando de assunto, o que ele acha de Brasília.

— Brasília cresceu como qualquer outra cidade no mundo. Desvirtuou-se. Ao lado de prédios bons há outros muito ruins ou dispostos de uma maneira que compromete o conjunto. No Setor Bancário Sul, onde todos os blocos seguem um sentido, há um bloco, com vidro fumê preto, que está atravessado. Não é necessário ser arquiteto para perceber a quebra do conjunto. Não que alguém quisesse, no passado, desvirtuar a cidade de

propósito. Consultaram-nos, a mim e ao Lúcio Costa, muitas vezes, mesmo na reforma do Teatro Nacional. Só que é muito difícil evitar a má arquitetura.

Oscar lançou um livro sobre uma de suas paixões mais fortes: o Rio de Janeiro. Tento saber o que ele diz neste trabalho.

— O meu livro sobre o Rio de Janeiro é um estudo para defender o que resta da cidade, que chegou ao estado em que está em virtude do desgoverno. Também apresento algumas sugestões. Acho que não é válido criticar sem apresentar sugestões. As minhas são otimistas demais. Requerem, para serem colocadas em prática, um homem com a estatura de um Juscelino. No Brasil um dos maiores pecados é o imediatismo dos governantes. Tudo tem que ficar pronto em um governo apenas. Não há continuidade. Na França, quando se inicia uma obra, os sucessores continuam o trabalho até que ele fique pronto. O Rio sofre em função disso. Lamento e reclamo contra o desvirtuamento da cidade. O crescimento explosivo da população ultrapassou todas as expectativas.

"Um espaço feito para 500 mil

pessoas abriga sete milhões. Uma de minhas sugestões é a de se congelar os gabaritos. Botafogo, só para citar um exemplo, se não houver esta medida, daqui a três ou quatro anos ninguém passa. É um problema urgente. Em São Paulo, para resolver os problemas de trânsito, estão subindo mais e mais viadutos. São verdadeiras cicatrizes urbanas que desvalorizam os prédios ao seu redor em função do barulho e da poluição. Para mim derrubar algo para subir um viaduto não é solução."

"No Rio não chegamos a este ponto. Alguns viadutos foram erguidos sem aquele exagero de São Paulo. Um outro ponto que levanto são as favelas. Pelo menos já há uma visão mais progressista sobre o assunto. Não se vê o favelado como um objeto removível. Em meu trabalho defendo o uso do solo urbano de uma maneira mais humana. Sugiro que em todas as áreas urbanizadas construam-se casas para os segmentos mais pobres da população. Dentro de uma cidade todos devem morar em condições dignas. As remoções de favelas surgiram a partir do Plano urbanístico traçado pelo pessoal de

Atenas para o Rio. Ele previa a divisão do espaço em áreas específicas de residência, comércio e indústria. Como os operários trabalham nestas últimas, poderiam ser empurrados para a periferia, liberando locais bastante valorizados que só se tornariam úteis para fins de especulação imobiliária."

Aqui vale uma explicação. O plano desenvolvido em Atenas pelo arquiteto Ioannides durante o governo Carlos Lacerda, orientou todo o crescimento do Rio depois de 1964. Nele, a criação de bairros operários, como a Vila Kennedy, era ponto primordial. A hoje candidata pelo Partido Trabalhista Brasileiro ao governo do Rio, Sandra Cavalcanti, foi quem colocou em prática a política de remoção. Em nenhum momento Niemeyer citou estes nomes, necessários para se ter uma idéia da evolução histórica das favelas no Rio.

Pergunto a Oscar se o problema de Brasília não seria semelhante. — Em Brasília o problema foi diferente — respondeu. Quem não podia pagar o suficiente para se instalar nela e terminou por ser expulso para a periferia. No Rio, pelo

menos, olhamos as favelas pela janela e sonhamos com o dia em que o favelado descerá do morro e participará da ida da cidade.

Para Niemeyer, a questão da casa própria digna para os segmentos mais carentes da população não se resume ao arquiteto ou ao urbanista. Precisaria de uma ampla mudança social.

— É preciso que se examine a casa operária de uma maneira mais social. A preocupação atual me parece muito demagógica, uma vez que estes bairros estão localizados em áreas distantes e piores que a favela. Para mim o mais importante da relação entre o urbanismo e o homem é a ligação entre a casa e o trabalho. O regime capitalista empurra os moradores das favelas para locais onde ele não pode usufruir dos benefícios da cidade, de maneira a ocupar seu antigo espaço lucrativamente, valorizando-o com a construção de apartamentos. A casa operária seria, assim, uma falsa preocupação social para tentar enganar as pessoas. A própria expressão reflete uma carga pejorativa e preconceituosa, até mesmo paternalista.

"O arquiteto em seu papel não pode modificar este quadro. Sempre que me perguntam como o arquiteto pode colaborar para modificar este quadro sugiro que ele deve participar da luta política. Só com a participação de todos haverá uma mudança no projeto social. De outra forma a participação do arquiteto será mínima, apenas para constar".

Dia 29 Niemeyer embarcou para o Havre, onde receberá uma homenagem da Municipalidade. Irá de navio. Seu medo de avião é proverbial entre todos os que o conhecem. Depois de comentar que não existem pessoas sem medo de avião — "uma vez um senhor brincou comigo até a hora de embarcar, quando começou a decolagem mostrou mais receio que eu" — revelou que uma praça será batizada com seu nome.

— A Praça Oscar Niemeyer é um projeto que fiz e que resolveram dar o meu nome. Ela é rebaixada três metros. Fica próxima do mar e é necessário evitar os ventos, que na região são frios e fortes. Coloquei nela uma zona de comércio, um restaurante e um teatro para 1500 pessoas, melhor até que o de Brasília.

Comento com Oscar Niemeyer que acho a Martins Penna uma das melhores salas de espetáculo que já conheci. Ele sorri e conta que André Malraux, ex-ministro da Cultura de De Gaulle e um dos maiores escritores mundiais, gostava muito do projeto do Teatro Nacional. Pergunto qual a obra que ele, pessoalmente, mais aprecia. Depois de refletir um pouco ele afirma ser o Congresso Nacional. Indago sobre as modificações que fazem em trabalhos seus sem consulta e o que ele sente quanto isto ocorre.

— Quando estive em Belo Horizonte para discutir a recuperação da Pampulha — disse — uma repórter perguntou-me se não me aborrecia em ver o descaso para com o conjunto. Eu respondi que se esqueciam as favelas porque não abandonariam uns edifícios? Para mim o importante é a vida. Fazer a justiça dominar a população. Temos de pensar em nosso papel de uma maneira cada vez menos específica. Seremos mais humanos e liberais e preocupados com o desenvolvimento social, em lugar de nossos interesses particulares, é que é difícil — finalizou.